

IMAGENS EM MOVIMENTO: A PRÁXIS DO CINECLUBE CINEMA E OPRESSÕES NO COLÉGIO PEDRO II

Vítor Gonçalves Pimenta*
Roberto Mosca Junior**

RESUMO: Este trabalho reflete e analisa a percepção de estudantes sobre a prática do Cineclube “Cinema e Opressões” do Laboratório de Sociologia Lincoln Bicalho Roque, no Colégio Pedro II (CPII) - Campus São Cristóvão III (SCIII). Nesse ambiente escolar, optou-se pela observação participante, focando nas experiências dos(as) estudantes. Adotou-se o método de entrevistas qualitativas com roteiro pré-definido, na tentativa de desvelar a percepção dos(as) estudantes membros da equipe do projeto e público do Cineclube. A partir dos relatos, por um lado, percebe-se o cineclube como um lugar lúdico e crítico de aprendizagem, baseado no diálogo entre os sujeitos. Por outro, compreende-se a sala de aula, em grande parte, como um espaço onde se observa o monólogo do(a) professor(a), ministrando aulas expositivas. O Cineclube configura-se como espaço de produção coletiva de conhecimento, somando-se educador(a) e educandas(os). O Cineclube apresenta-se como uma experiência de encontro com outras linguagens estéticas e políticas, com trocas coletivas sobre os filmes, com percepções de mundo distintas, com debates sobre temáticas importantes e atuais da sociedade. É um espaço de experiência crítica, que abre novas possibilidades de ensino-aprendizagem, pautado na relação de alteridade. Um espaço que se constitui como uma pedagogia participativa e autônoma, que reconhece a percepção de mundo de cada sujeito como relevante para a construção do conhecimento.

39

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Cineclube, Cinema e Sociologia, Colégio Pedro II.

ABSTRACT: This work analyzes students' perception about the practice of the “Cinema and Oppressions” Cineclube of the Lincoln Bicalho Roque Sociology Laboratory at Pedro II high school (CPII) - São Cristóvão III Campus (SCIII). In this school environment, we opted for "participant observation", focusing on the students' experiences. We adopted the method of qualitative interviews with a pre-defined script, in an attempt to unveil the perception of the students members of the project team and audience of the Cineclube. From the reports, on the one hand, the film club is perceived as a playful and critical place of learning, based on the dialogue between the subjects. On the other hand, the classroom is understood, in large part, as a space where one observes the monologue of the teacher, teaching lectures. The Cineclube

* Especialista em Ciências Sociais e Educação Básica pelo Colégio Pedro II. Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF). E-mail: torpimenta@gmail.com

** Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestrado em Ciências Sociais pela UERJ. Atualmente é professor do Colégio Pedro II. E-mail: robertomoscajr@mac.com

is configured as a space for the collective production of knowledge, by adding teacher and students. The Cineclube presents itself as an encounter with other aesthetic and political languages, with collective exchanges about the films, with different perceptions of the world, with debates on important and current issues of society. It is a space of critical experience, which opens new possibilities of teaching-learning, based on the relation of otherness. A space that constitutes a participative and autonomous pedagogy, which recognizes the perception of the world of each subject as relevant to the construction of knowledge.

Keywords: Sociology Teaching, Cineclube, Film and Sociology, Pedro II High School.

Introdução

No presente trabalho¹, busca-se refletir sobre o uso do audiovisual como ferramenta política e didático-pedagógica na Educação Básica. Para a realização de tal tarefa, foca-se no Cineclube Cinema e Opressões² do Laboratório de Sociologia Lincoln Bicalho Roque, no CPII - Campus São Cristóvão III (SCIII), na cidade do Rio de Janeiro. Ao focar no Cineclube, consideramos a atividade cineclubista um elemento central e primordial para a sociedade audiovisualizada, que abre caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e democrática no campo da apropriação e do emprego audiovisual. O termo audiovisual é entendido aqui como um conjunto de criações e recepções que chega ao receptor por meio de imagens e sons, podendo ser combinados de várias formas. Na atualidade, o audiovisual parece ser a manifestação mais presente e perceptível que atravessa a vida de cada um de nós (MACEDO, 2010). Não ficando fora do ambiente escolar.

O Cineclube Cinema e Opressões integra o projeto Ciências Humanas e Cinema: O uso do audiovisual como experiência crítica no âmbito do “Programa de Apoio a Projetos de Iniciação Artística e Cultural, destinado a estudantes que participam de projetos de diferentes Departamentos Pedagógicos do CPII, com ênfase no aprofundamento das linguagens artísticas e das vivências culturais” (COLÉGIO PEDRO II, 2017), ligada à Diretoria de Culturas do CPII, uma das diretorias subordinadas à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Esse projeto institucional iniciou-se em 2016 com foco na promoção do processo de ensino-aprendizagem, por meio de recursos e técnicas audiovisuais. Nesse sentido, por um

¹ Fruto da monografia no curso de Especialização em Educação Básica e Ciências Sociais da Propprec (Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura) do Colégio Pedro II (CPII).

² Atualmente, o Cineclube chama-se Opressões e Resistência.

lado, o projeto reflete a questão do cinema como ambiente de comunicação da práxis humana (GUSMÃO, 2008). Por outro lado, o projeto toca na questão educacional do Cineclube, visto como um processo pedagógico desde as primeiras manifestações protocineclubistas (MACEDO, 2010).

Nessa visão de formação educacional plena do Cineclube, o projeto procura quebrar a relação pedagógica bancária, que considera o(a) educando(a) como um objeto no ambiente escolar (FREIRE, 2011). Ao romper com a hierarquia educador(a)-educando(a), essa prática pedagógica proposta no projeto, o(a) educando(a) da Educação Básica é visto como pesquisador(a) e produtor(a) de conhecimento. Busca-se nesta iniciativa, propiciar que os(as) educandos(as) experimentem o processo de construção do conhecimento de forma mais participativa e autônoma, trocando com a orientação dos(as) educadores(as). Essa troca entre os participantes no ambiente de um cineclube é uma das suas marcas históricas. Ademais, o cineclube se apresenta, desde a sua criação, como espaço interativo, entre o público e o filme.

Não à toa, tem como característica a preservação tanto da oralidade (o debate) quanto da apropriação crítica, edificando nesta postura questionadora um “cinema do público”. Além disso, caracteriza-se por ser um espaço relevante na formação social e humana, que oportuniza aos participantes das sessões: ver filmes (diferentes do circuito comercial), debater sobre a forma e o conteúdo do filme, aprendendo a partir da própria discussão, em uma relação coletiva de alteridade (pedagogia da diferença). Como se percebe, no Cineclube Cinema e Opressões do Colégio Pedro II e em tantos outros cineclubes que ocupam espaços institucionalizados de conhecimento nas escolas e universidades, esses espaços tornam-se ambientes diferenciados de aprendizagem para além da sala de aula (MACEDO, 2010).

O projeto Cineclube conta com a coordenação do professor de Sociologia Roberto Mosca Junior e com a participação de 6 (seis) discentes, que são bolsistas de iniciação científica. De acordo com a Chamada Interna N° 08/2017 – PROPGPEC (Apoio a Projetos de Iniciação Artística e Cultural), as bolsas de Iniciação Artística e Cultural são concedidas por um período de até 6 (seis) meses, abrangendo as áreas de História da Arte e Linguagens Artísticas: Artes Visuais, Música, Teatro, Dança, Literatura e Produções Artísticas Híbridas; e Memória e Patrimônio. A bolsa tem valor mensal de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais).

Inicialmente, o Cineclube foi programado para acontecer uma vez por mês, em um dia da semana, normalmente às quintas-feiras de 12h às 13h. Esta opção pelo horário do almoço

busca ser uma alternativa programática que não concorra com as aulas normais e as atividades extracurriculares, que fazem parte do cotidiano dos(as) discentes. Segundo a equipe do projeto, esse planejamento de periodicidade e horários foi reavaliado ao longo das sessões do cineclube. Aqui, existiu a tensão entre tradição (aulas regulares) x modernidade (atividades artísticas e culturais) no ambiente escolar. O grupo procurou adaptar-se aos fatores da realidade conjuntural na escola, caminhando no fazer projeto.

Neste empreendimento analítico, pesquisa-se qualitativamente o Cineclube no ano de 2017, focando na percepção dos(as) estudantes. Para a concretização de tal tarefa, realizou-se uma observação participante com a equipe do projeto, analisando as práticas produzidas pelo grupo. Além disso, adotou-se o método de entrevistas qualitativas com roteiro pré-definido, como técnica privilegiada de comunicação, buscando-se as informações diretamente tecidas no diálogo com o(a) entrevistado(a) (MINAYO, 2009). Nessa perspectiva dialógica, descreve-se os significados que as pessoas dão para aquilo que elas fazem (BECKER, 2007). Ao trabalhar com a percepção dos(as) estudantes sobre essas temáticas, investiga-se a construção coletiva dialógica do conhecimento por meio do uso do audiovisual.

O Cineclube em Ação

Neste trabalho, procura-se investigar o pensamento-linguagem referente à realidade produzida coletivamente por docente com discentes no Cineclube. É uma tentativa de desvendar como eles(as) percebem este ambiente tecido de filmes e seres humanos. Nessa interação, para a realização do Cineclube no espaço escolar, em cada sessão trabalhou-se com os filmes (documentário e ficção) como conteúdo programático relacionado ao currículo de Sociologia. A escolha de cada obra foi pensada no sentido de dialogar os conteúdos trabalhados em salas de aula, principalmente a área de Ciências Humanas, mas não exclusivamente, e as experiências de vida de educadores(as) e educandos(as) (FREIRE, 2011). Os filmes elencados para serem exibidos, ao longo de 2017, foram *Notícias de uma guerra particular* (Sociologia Urbana/Violência Institucional e Criminalização da Pobreza/Estado), *Estrelas além do tempo* (Conhecimento Científico e Senso Comum/Racismo/Conceito de Gênero nas Ciências Sociais) e *Arpilleras* (Democracia, Cidadania e Movimentos Sociais no Brasil).

A primeira sessão do Cineclubes foi realizada no dia 17 de agosto de 2017 com o título Cinema e Opressões convida..., exibindo o filme *Notícias de uma guerra particular*, de João Moreira Salles e Kátia Lund (1999). A partir dessa abordagem temática, a equipe do Cineclubes (professor e discentes), vivenciando um contexto de violência urbana na cidade do Rio de Janeiro, principalmente pelos episódios de conflito entre policiais e “traficantes” na comunidade do Jacarezinho³, Zona Norte da cidade, buscou-se discutir como tema gerador a questão da violência e a criminalização da pobreza por intermédio do documentário. O objetivo da escolha da obra foi trazer outras imagens e narrativas para debater o tema. Na ocasião da exibição, a equipe convidou o professor de História do CPM João Braga⁴ para comentar a produção audiovisual, uma vez que ele se encontra fazendo um documentário sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) implantadas na cidade do Rio de Janeiro. Houve a participação de aproximadamente duas dezenas de pessoas nessa sessão.

A segunda sessão do Cineclubes ocorreu dia 14 de novembro de 2017 de 12h às 15h, com a chamada Cinema e Opressões e o PIC Jr Cientistas e Inventores Negros na História apresentam: *Estrelas além do tempo*, de Theodore Melfi (2016). Nesta sessão, houve a parceria entre o Cinema e Opressões e o PIC Jr Cientistas e Inventores Negros, coordenado pela professora Fabiana Lima, do Ensino Fundamental de São Cristovão II. O projeto “Cientistas e inventores negros na História: seus inventos e descobertas” busca implementar a Lei 10.639/03, que determina o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. O objetivo do projeto é proporcionar aos orientandos(as) uma experiência no campo da pesquisa científica, aprofundando os estudos sobre os cientistas e inventores negros. Assim, procura-se visibilizar tais personalidades, antigas e contemporâneas, que se dedicaram e se dedicam ao desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos em diversas áreas do conhecimento. No final da exibição do filme, realizou-se um debate sobre a presença das mulheres negras no campo científico, contando com a presença de aproximadamente sete dezenas de pessoas.

³ Para maiores informações. Ver reportagens jornalísticas.

Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Denuncias-de-violencia-e-abusos-na-operacao-da-Policia-e-do-Exercito-no-Rio-de-Janeiro>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-e-forcas-armadas-fazem-operacao-em-comunidades-no-rj.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

⁴ Docente que promove o cinema crítico no CPM. Outro projeto na área audiovisual que funciona no campus de SCIII.

A terceira sessão do Cineclube aconteceu dia 30 de novembro de 2017 com a chamada Cineclube Cinema e Opressões e Laboratório de Sociologia de SC II apresentam: Arpilleras (2017), de Coletivos de Mulheres do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB). O filme Arpilleras conta a história de mulheres atingidas por construções de barragens, que perderam suas casas. O evento contou com a participação da militante Gabriela, do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB) e com um público total de mais de 2 (duas) dezenas de pessoas. A escolha da terceira sessão do Cineclube foi uma proposta da equipe de Sociologia de São Cristóvão II. A equipe acenou com a possibilidade de trazer algum(a) militante membro da MAB para conversar com os(as) estudantes. O coordenador Roberto Mosca Junior levou a proposta para a equipe do Cineclube e as(os) bolsistas aceitaram.

Agora, vamos entrar no ambiente do Cineclube. Ao se chegar a uma sessão no Cineclube, percebe-se um clima descontraído entre o público, composto principalmente por estudantes do Ensino Médio com alguns participantes do Ensino Fundamental. Professores e professoras, além de funcionários da escola, compõem o público que buscam assistir a exibição dos filmes. Assim, o Cineclube promove a integração da comunidade escolar, buscando analisar, debater, argumentar, formar opiniões, a partir da exibição de um filme, seguido de debate. Para Duarte (2002), a experiência de assistir filmes é uma prática social fundamental na formação cultural e educacional das pessoas, equivalente à leitura de obras sociológicas, filosóficas, literárias, etc.

Nesse ambiente de formação cultural e educacional, o clima pode ser percebido pela postura despreocupada dos corpos que adentram o Anfiteatro C no Campus São Cristóvão III. O Anfiteatro C é uma espécie de auditório composto por fileiras de cadeiras umas atrás das outras, onde, da primeira até a última, o nível das cadeiras aumenta em ordem crescente para que os(as) espectadores(as) possam ter uma visão ampla e descoberta da tela/palco. Normalmente, o auditório é um espaço reservado para a realização de espetáculos, conferências, solenidades, etc., por causa da sua estrutura física e tecnológica. Segundo a aluna Maria⁵ (Idade: 17 anos, Série no Ensino Médio: 2º ano, Bairro/local de moradia: Ilha do Governador, Religião: Sem religião, Cor: Amarela, Renda Familiar: 3 a 4 S.M., bolsista), “*a estrutura foi bastante acolhedora, tinha bastante cadeiras pra todo mundo, tinha ar*

⁵ Os nomes foram codificados para manter o sigilo dos(as) entrevistados(as).

condicionado também, tinha projetor, sempre a nossa disposição [...]”. Nesse sentido, o Anfiteatro C foi o espaço escolhido para abrigar as sessões do Cineclube.

O que se observa nas sessões, independente do número de participantes, são pessoas relaxadas e compromissadas com o audiovisual que está por vir. Há no rosto do público marcas de expectativa pelo início do filme. É importante ressaltar que cada pessoa se encontra ali devido ao seu próprio interesse, ou seja, nem estudantes nem professores(as) e funcionários estão no ambiente do Cineclube obrigados, apesar do conflito com a grade curricular estar latente. Em geral, o público assiste ao filme em cartaz e participa do debate em seguida, mediado por um membro da equipe do Cineclube ou por um convidado. Nesse momento, o(a) mediador(a) busca problematizar algumas questões referentes ao filme exibido. Como exemplo, trazemos a mediação da professora Fabiana Lima e do professor Roberto Mosca Junior, que problematizou a segregação racial presente na obra *Estrelas além do tempo*, articulando com a visibilidade da produção científica de mulheres e homens negros no cotidiano das escolas. A professora Fabiana Lima levou para o Cineclube diversos marca-textos de inventores(as) negros(as), juntamente com suas criações, onde continha um pequeno texto de apresentação. Nessa perspectiva de abordagem, o tema do filme é o principal elemento problematizado na hora do debate. O filme aqui é trabalhado com “um ‘texto’ gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor.” (NAPOLITANO, 2009, p. 20). Os responsáveis pelo Cineclube buscam exibir um filme por evento e, posteriormente, debatê-lo com o público participante e os(as) convidados(as).

O Cineclube Cinema e Opressões faz parte do projeto “Ciências Humanas e Cinema: o uso do audiovisual como experiência crítica”. Seu objetivo é incentivar o processo de ensino e aprendizagem com base na utilização de recursos e técnicas de audiovisual. Ao focar na questão do audiovisual como prática pedagógica, o interesse, aqui, é problematizar o espaço do cineclube como espaço de conhecimento, político e cultural e como exercício do pensamento crítico. Nesse sentido, busca-se comparar as diferenças entre o espaço do cineclube e o espaço da sala de aula.

Analisando a “práxis - ação e reflexão – como unidade que não deve ser dicotomizada” (FREIRE, 2011, p. 73) do Cineclube, percebe-se, ao exibir filmes e debatê-los, que as(os) educandas(os) têm uma postura relaxada, se comparada com a que manifestam em sala de aula. Pois, em grande medida, o cineclube é visto como um lugar de entretenimento,

maior liberdade, maior horizontalidade, lazer, potencializador do senso crítico, diferentemente do espaço de sala de aula. Para Luiz (17 anos, 3º ano, Anil, Católico, Negro, 3 a 4 S.M., público), o Cineclube tem *“essa pegada do entretenimento [...] segura mais. Ali na sala de aula você fica sentado na carteira, olhando pro professor [...]. Às vezes, até, questões raciais, questões de empoderamento feminino, questões de meio ambiente, mas você não foca.”* Dandara (17 anos, 3º ano, São Francisco Xavier, Evangélica, Parda, 9 a 10 S.M., público) considera o espaço do Cineclube como um lugar que *“dá muito mais liberdade. [...] Você pode até trazer coisas, relacionar, é muito mais livre pra você, meio que falar o que você quiser. Porque, na aula, você fala o que você quiser, mas dentro de um tema.”* Para Miguel (18 anos, 3º ano, Quintino, Sem Religião, Preto, 3 a 4 S.M, público), o Cineclube *“é muito mais horizontal, por mais que tenha um professor lá dentro, [...] é um intermediário, no mesmo nível de importância de qualquer aluno [...]. Na sala de aula, ainda que as pessoas tentem quebrar com isso, ainda é uma estrutura muito hierarquizada.”* Maria (17 anos, 2º ano, Ilha do Governador, Sem religião, Amarela, 3 a 4 S.M., bolsista) percebe *“um silêncio, assim, uma atenção [...]. Acho que é um espaço de lazer. E as pessoas dão valor aquilo [...] tem uma outra postura, uma diferença. Elas [...] estão saturadas, e não estão querendo ficar ali, que nem na sala de aula.”* Marília adverte que estar em sala de aula é ficar restrita entre quatro paredes. *“Porque a gente está ali, preso em sala de aula. E muitas vezes a gente não aprende quase nada, porque a gente já está acostumado com aquilo [...] se torna monótono e a gente fica naquele ciclo, [...] e acaba não desenvolvendo muito o nosso pensamento crítico.”* (MARÍLIA, 17 anos, 3º ano, Bonsucesso, Kardecista, Parda, 3 S.M., bolsista). Nessa perspectiva pedagógica, na sala de aula, muitos professores e professoras, *“em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.”* (FREIRE, 2011, p. 80).

Nessa concepção analítica, o espaço da sala de aula não é visto como um lugar da troca e do diálogo. Ele é um espaço que individualiza os(as) educandos(as) em suas carteiras, onde cada educando só tem contato olho no olho com outros(as) educandos(as), movimentando-se suas cabeças lateralmente. *“Eu acho que ele é muito preso, normalmente [o espaço da sala de aula]. Você fica enfileirado, todo mundo virado pra frente, você só tem conexão com alguém que está do seu lado e não com quem está na sua frente.”* (HELENA, 17 anos, 3º ano, Vila Valqueire, Sem religião, Branca, 1 a 2 S.M., bolsista). O que está em

jogo neste espaço é qual a pedagogia produzida em um local onde educador(a) e educandos(as) estão desconectados da realidade que os cercam. Pois o conteúdo trabalhado em sala de aula é visto para ser “guardado” e “arquivado”.

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 2011, p. 81)

Neste ponto, vale destacar, que o espaço do Anfiteatro C, onde são realizadas as sessões do Cineclube, também é composto por fileiras de cadeiras umas atrás das outras. Ao comparar-se o espaço do cineclube e o espaço da sala de aula, ambos possuem uma boa infraestrutura. Sobre o cuidado e manutenção dos espaços, a educanda Maria considera que *“a sala de aula é mais degradada. Os quadros são mais sujos, não tem muita manutenção, as cadeiras são ok [...]. Os alunos picham muito as paredes, sujam muito o chão também com balas, chiclete, sujam as carteiras [...]”*. Assim, as salas de aula são mais degradadas que o Anfiteatro. Poderíamos pensar que o espaço do anfiteatro é um local da excepcionalidade no seu uso, ou seja, ele é um espaço mais limpo por não ser um local de uso diário. Entretanto, ele demonstra ser um espaço mais cuidado, no sentido que os estudantes o experimentam com foco e atenção, conforme as palavras da estudante Maria acima. Diferentemente do ambiente da sala de aula, percebido como *“uma postura mais indisciplinada, elas falam muito, elas não respeitam o professor.”* Em uma palavra, percebe-se a sala de aula como o lugar da “obrigação” e o Cineclube como “entretenimento”. Então o que explicaria o clima descontraído do cineclube, sintetizado pelo termo “entretenimento”? Para tratar dessa questão, vamos nos aproximar da discussão sobre o lugar do cinema na nossa sociedade.

O Cineclube em debate

O cinema é uma das experiências sociais mais impactantes, que se percebe desde as primeiras décadas do século XX. Fruto da sociedade industrial e de massas, ele surgiu junto com as estéticas e sociabilidades modernas. As imagens em movimento projetadas em um “telão” vêm provocando múltiplas sensações em diferentes origens sociais, formações

culturais e raízes étnicas (BENJAMIN, 1985; CHARNEY e SCHARTZ, 2001; NAPOLITANO, 2009).

Não à toa, as educandas percebem o Cineclube como espaço do entretenimento, ou seja, um lugar dinâmico, que permite ao(a) participante, mesmo que sentado(a) em uma cadeira, embarcar a cada sessão em uma história distinta. Nessa ação, o cinema promove uma aproximação entre as vidas dos(as) educandos(as) e o mundo que está fora da sala de aula. Em outras palavras, conforme as educandas, o entretenimento está ligado ao que fazem fora da sala de aula e fora da escola. Dentro das salas de aula, para elas, o clima é monótono. As aulas se repetem semanalmente sem grandes novidades. A teoria é trabalhada distante da prática. A distância entre o que estudam para o que vivem cotidianamente é enorme. As educandas contam que buscam serem tocadas pela realidade. Assim, o Cineclube é uma oportunidade de saírem das salas de aula e experimentarem uma viagem a outras realidades, sem deixarem o ambiente escolar. Com essa compreensão, o educando Luiz apresenta a seguinte percepção: *“É o mesmo tema, é a mesma mensagem que quer te passar, mas a abordagem é diferente, justamente pelo entretenimento. Você estando ali [cineclube], já te instiga mais a entender o que está passando [...]”*. Estar no Cineclube é participar de uma experiência sensorial, emotiva, reflexiva, etc. Em consonância com a visão de Luiz, a educanda Marília descreve a experiência do Cineclube da seguinte forma: *“Essencial, porque [...] a gente fica muito ali na teoria e não vê o que é a realidade [...]. Os(as) educandos ficam muito tempo dentro de sala de aula.”* Assim, Marília clama para que os(as) educadores(as) saiam das salas de aula. *“Tirem seus alunos das salas, vocês podem fazer isso”, professor de biologia pode levar a gente pra um horto, professor de filosofia pode dar aula pra gente andando pelo colégio.”* Marília observa que a sala de aula não proporciona um encontro com a realidade, como é desejado pelos(as) educandos(as).

Na concepção de Marília, é fundamental que exista uma prática pedagógica que procure escapar do enclausuramento da sala de aula. Nesse sentido, ela expressa uma crítica a esta concepção “bancária” presente na grande maioria das salas de aula, que “nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antialógica” (FREIRE, 2011, p. 95). O mundo não cabe em quatro paredes brancas. É preciso caminhar dentro e fora do colégio para que se conheça o mundo de corpo inteiro. A educação que se expressa, dialogando com as narrativas das educandas, conforme Freire (2011, p. 94), é uma educação libertadora que

compreende os seres como “corpos conscientes”, ou seja, com “consciência intencionada ao mundo”. Os corpos clamam por um ensino menos tradicional, que dialogue com suas experiências de vida contemporâneas.

Dialogando com essa perspectiva dialógica, o Cineclube apresenta-se como um espaço que proporciona ao(a) estudante refletir criticamente sobre a realidade, utilizando os recursos e técnicas de audiovisual como processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos, principalmente das Ciências Humanas. Nesse movimento coletivo, o Cineclube reivindica o filme como obra de arte e pensamento, com caráter estético e político. Ao se colocar nesse lugar de reflexão, o Cineclube se afasta do filme visto como produto da “indústria cultural”, no sentido de produção de cultura em massa (ADORNO & HORKHEIMER, 1985), buscando problematizar o uso do audiovisual e proporcionar aos estudantes um contato com as obras de arte e de pensamento de maneira crítica.

Todo filme, ficção ou documentário, é resultado de um conjunto de seleções, escolhas, recortes, perspectivas, que envolve um leque de profissionais e de interesses comerciais, ideológicos e estéticos. Isso implica afirmar que todo filme documental não é a representação direta da realidade, e que todo filme ficcional não está desligado da sociedade que o produziu. O trabalho escolar com o cinema deve ter em vista esta natureza da representação e da encenação cinematográfica (NAPOLITANO, 2009, p. 12).

Nesse sentido, trabalhar com cinema na escola é problematizar como a história é contada pelo filme, indagando como os recortes fílmicos e as perspectivas foram montadas e com qual intenção. Isso porque, segundo Napolitano (2009, p. 12-13), “um filme, ficcional ou documental, não se resume ao seu tema (a história contada) ou ao texto verbal que veicula (na forma de diálogos, narrações em off ou legendas)”.

O filme é um modo de compreender comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e ideologias de uma sociedade. Um modo de lidar com essas representações é articular o contexto histórico e social que o produziu com um conjunto de elementos intrínsecos à própria linguagem cinematográfica (montagem, enquadramento, movimentos de câmera, iluminação, cor, etc). (MARTINS, 2007, p. 3)

O propósito do Cineclube é justamente refletir sobre o filme como “produto cultural” que se encontra inscrito dentro de um “contexto sócio-histórico”. Assim, o cinema é visto dentro de um sistema maior gerador de significados, ou seja, o da própria cultura. Segundo Turner (p. 51, 1997), “o cinema não é uma linguagem, mas gera seus significados por meio de

sistemas (cinematografia, edição de som e assim por diante) que funcionam como linguagens”. Em outras palavras, a imagem não reflete a realidade, mas ela a reconstrói através de uma linguagem própria (VANOYE, 1994).

Filme (ficção ou documentário) é uma construção sobre a realidade que articula palavra, som, imagem, movimento. Logo, filme não é reflexo do real, tampouco traduz a verdade dos fatos. Fruto de um imaginário (autor) que adquire determinada forma e que age sobre outros imaginários (espectador) o filme é um artefato que demanda análise interna e do contexto que o cerca cujos aspectos a serem selecionados é dado pelas questões de quem analisa. (MARTINS, 2007, p. 3)

O filme, visto como “produto cultural”, é fruto de escolhas de cineastas e equipe de produção, assim como a escolha dos filmes a serem exibidos nas sessões do Cineclube é de responsabilidade da coordenação e da equipe de execução do projeto. De maneira mais ampla,

o uso de filmes em sala de aula não tem como propósito a busca de correspondência entre fatos e representações imagéticas. Deve-se pensar que filmes são um modo pelo qual pessoas, no caso, cineastas, expressam suas ideias, concepções de mundo sobre temas, problemas da realidade, gerando um outro modo de conhecer que é dado através da maneira como as sociedades se produzem visualmente. (MARTINS, 2007, p. 8)

O Cineclube busca trazer essa produção audiovisual para o interior da escola, problematizando cada filme selecionado a ser exibido. A escolha de cada filme passa, principalmente, pelo seu tema, buscando-se ampliar o olhar sobre a diversidade de produções audiovisuais.

O espaço do Cineclube é caracterizado principalmente por ser um local de troca de percepções de mundo. Pode-se compreender o Cineclube como um espaço onde se expressa a “situação gnosiológica”. Assim, “o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro.” (FREIRE, 2011, p. 94), superando-se a contradição educador-educandos e produzindo-se uma relação dialógica. É o lugar de encontro com outras linguagens cinematográficas. É o lócus onde educandos(as) debatem com educadores(as) e educandos(as), na busca por uma relação horizontal entre ambos, provocando um clima de confiança entre os sujeitos. “A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções.” (FREIRE, 2011, p. 113).

Nesse sentido, o espaço do Cineclube se distingue do espaço da sala de aula, já que propicia aos educandos(as) um clima de confiança para construir conjuntamente com o(a) educador(a) as sessões. Segundo a educanda Helena, *“o espaço da sala de aula não tem tanto esse debate[...], é mais o professor ali na frente, falando, explicando, e você só anotando, só ouvindo. No cineclube, depois de você ver o filme ou documentário, você tem lugares de fala, se você quiser, você pode.”* Helena continua sua comparação entre os dois espaços: *“Eu acho que no cineclube você tem mais liberdade de debater ideias com quem tá do lado [...], com todo mundo em geral. E na sala de aula, não tem muito isso. Você fica de frente pro professor, olhando, [...] pra ele, esperando [...] algum tempo de debater.”*

Em sala de aula, a relação entre educador(a) e educandos(as), em grande parte, é marcada por um caminho de mão única, onde o(a) professor(a) apresenta o conteúdo e o(a) aluno(a) presta atenção nas palavras, podendo anotá-las ou não. Nas palavras de Tomazi e Lopes Junior (2004, p. 74), as “aulas expositivas, com o professor na frente e os alunos todos sentados, muito bem ordenados, é algo simplesmente enfadonho, chato e sem nenhuma potência para fazer nossos jovens desejarem conhecer”. Nessa perspectiva, encontram-se duas metodologias presentes no interior da escola. Por um lado, na sala de aula, a utilização do debate como ferramenta do processo de ensino-aprendizagem é algo raro. Segundo as(os) educandas(os), em geral, o que mais se observa são aulas expositivas, onde a figura do(a) educador(a) se destaca no ambiente. Por outro lado, no Cineclube, o método do debate é parte do ritual de ensino-aprendizagem, que associa a exibição de filmes com discussão, momento no qual se apresentam pontos de vista diferentes. Segundo o estudante Luiz, *“[...] ter uma entrada de debate, assim, pra você a motivação, você entender o que é movimento social, passando por entretenimento, que era a proposta do filme, de entreter e te passar a mensagem que o filme queria passar.”* Para o educando, o debate é um elemento motivador que, combinado com a exibição do filme, permite ao público divertir-se e aprender concomitantemente. Nas palavras de Freire,

o diálogo é um exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2011, p. 109)

O diálogo é um ato de criação entre os sujeitos que, ao se encontrarem, pronunciam o mundo na troca. Não se trata da imposição de um pronunciamento sobre o outro. É a elaboração do mundo por sujeitos dialógicos. O diálogo é a “conquista do mundo para libertação dos homens” (FREIRE, 2011, p. 110).

Conforme as narrativas das(os) educandas(os), o diálogo é uma das questões fundamentais que diferencia o espaço do cineclubes do espaço da sala de aula. Assim, olhar e ouvir a realidade de pontos de vistas diversos torna-se o elemento definidor do cineclubes como espaço de conhecimento. Nessa perspectiva de “olhar” e “ouvir” a realidade de pontos de vistas diversos, o cineclubes configura-se como espaço de conhecimento, que se processa por intermédio da troca entre os sujeitos. O olhar aqui é percebido como “faculdade do entendimento” sociocultural ou “ato cognitivo”, maneira pela qual construímos nosso saber (OLIVEIRA, 2000). Como sugere Laplantine, “ver” é diferente de “olhar”. Para o autor, o ver está na ordem de receber imagens, ou seja, do imediatamente visto sem reflexão, no plano do intuitivo. “Olhar consiste numa reiteração daquilo que se encontra diante de nós e a visibilidade, enquanto forma primeira de conhecimento, afeta-nos ao mesmo tempo em que sentimos afetados por aquilo que (a) percebemos.” (LAPLANTINE, 2004, p. 20). O olhar, como ato de percepção e conhecimento, é mediado, diferenciado, reavaliado, etc. No Cineclubes, o olhar é debatido, questionado, criticado. Assim, o conhecimento se produz no cruzo de diversos olhares.

O Cineclubes, como soma do áudio, do visual e do debate, engloba, principalmente, os atos cognitivos olhar e ouvir, além de outros atos que entram em cena nas sessões, como as qualidades de observação, de sensibilidade, de inteligência e de imaginação dos sujeitos. Eles operam simultaneamente nessa experiência audiovisual, tela e humano e, posteriormente, inter-humana no momento do debate. Nesse sentido, é necessário olhar de maneira crítica e ouvir atentamente a narrativa fílmica e narrativa dos outros participantes. Destaca-se, então, o “ouvir” como elemento fundamental no ato de conhecer o outro. Nesse sentido, busca-se a passagem de uma relação educador(a) e educando(a), considerada vertical, principalmente no interior da sala de aula, para uma relação mais horizontal, transformando educador(a) e educandos(as) em sujeitos que constroem conjuntamente o conhecimento (PIMENTA, 2018).

Prospectiva

Nesse empreendimento analítico sobre o Cineclube Cinema e Opressões no Colégio Pedro II (CPII) - Campus São Cristóvão III, analisamos o uso do audiovisual como ferramenta política e didático-pedagógica na Educação Básica. Para a realização de tal tarefa, focamos na percepção dos(as) educandos(as), participantes do projeto “Ciências Humanas e Cinema: o uso do audiovisual como experiência crítica” e público do cineclube, e refletimos sobre o processo de ensino-aprendizagem no ambiente do cineclube. Nessa perspectiva percebe-se o Cineclube como um instrumento de apropriação do audiovisual de maneira crítica e dialógica, tratando os filmes como “produto cultural” inscritos dentro de um “contexto sócio-histórico”.

Considerando que parte expressiva da cultura audiovisual está marcada por formas televisivas e hollywoodianas, o Cineclube demonstra ter um papel político e pedagógico de apresentar e problematizar novas experiências audiovisuais no ambiente escolar. Dessa forma, o Cineclube contribui para a formação cinematográfica e a “competência para ver” dos sujeitos participantes, possibilitando encontros audiovisuais para além da indústria hollywoodiana. O cineclube expande as linguagens audiovisuais anteriores, formando um repertório imagético mais amplo, abrindo novos caminhos para uma formação crítica, imaginativa e política.

Nesse processo de ampliação de mundo dos sujeitos, vislumbra-se a construção de uma sociedade mais digna, justa e democrática, que atinja o diálogo com a realidade de cada participante. Ao romper com a hierarquia educador(a)-educando(a), o(a) educando(a) da Educação Básica é visto como pesquisador(a) e produtor(a) de conhecimento. “Partindo de alunos que ampliam as fronteiras de seus papéis sociais ao assumirem a cogestão de seus processos de conhecimento, de professores que buscam transcender a lógica da individualidade e galgar caminhos de cooperação e colaboração” (AGUIAR e CARNEIRO, 2007, p. 11). Assim, o conhecimento é produzido na ação coletiva.

Por fim, na análise das(os) educandas(os), o Cineclube é o espaço onde o conhecimento é produzido coletivamente com educador(a) e educandas(os) trabalhando conjuntamente, superando a figura solitária da(o) estudante vista(o) em sala de aula. O exercício de construção coletiva do conhecimento é tecido por meio do debate. Nesse espaço pedagógico, o debate é percebido como elemento produtor de conhecimento e motivador dos

encontros, que, combinado com a exibição do filme, permite ao público navegar em uma determinada história e trocar perspectivas de mundo e interpretações audiovisuais.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

AGUIAR, Janecléide Moura de; CARNEIRO, Silzane de Almeida. “O Programa de Iniciação à Pesquisa Científica em Sociologia e a construção das Ciências Sociais no Colégio Pedro II: mobilizando conhecimentos através da pesquisa científica e da cultura popular”. In: *Perspectiva Sociológica*, v. 1, p. 1-13, 2007.

BECKER, Howard S. *Segredos e Truques de Pesquisa*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica Karina Kuchinir. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Obras escolhidas*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Tradução de Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

COLÉGIO PEDRO II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Disponível em: < <http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/culturas/>>. Acesso em: 09 set. 2017.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUSMÃO, Milene. “O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para a formação cultural”. In: *Encontros Multidisciplinares em cultura*, 4., Salvador, 2008. *Anais eletrônicos...* Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MACEDO, Felipe. “Cineclube e autoformação do público”. In: MACEDO, F.; ALVES, Giovanni (Org.). *Cineclube, cinema e educação*. Londrina: Praxis 6, 2010. (Série Tela Crítica).

MARTINS, Ana Lucia Lucas. “Cinema e ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula”. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Sueli; GOMES, Romeu (Org.). *Pesquisa social: teoria, método, criatividade*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. “Cinema: experiência cultural e escolar”. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. *Caderno de Cinema do professor*. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000. p. 17-35.

PIMENTA, Vítor Gonçalves. “Antropologia na escola: algumas contribuições do ofício de etnógrafo a práxis docente”. In: Cadernos da Educação Básica, v. 3, p. 1, 2018.

TOMAZI, Nelson; LOPES JUNIOR, Edmilson. “Uma angústia e duas reflexões”. In: CARVALHO, Lejeune (Org.). Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

TURNER, Graeme. Cinema como prática social. Tradução Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

VANOYE, Francis; GALIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.